

O paradigma da ESCOLA no espaço da CASA

André Santos, FAUP-CEAU, amsantos@arq.up.pt

Bruna Rocha, FAUP, up201707855@arq.up.pt

Jéssica Costa, FAUP, up201504894@arq.up.pt

Introdução

O primeiro-ministro, António Costa, no dia 12 março, dirigiu-se ao país anunciando o encerramento das atividades letivas presenciais, perspetivando-se o fecho das escolas até às férias da Páscoa, devido à pandemia do Covid-19. A medida foi revista no dia 9 de abril, sendo que, o Conselho de Ministros, decretou que o restante ano letivo, terminasse na versão de ensino não presencial. As exceções, seriam apenas dirigidas aos 11º e 12º anos que, por motivos de realização dos exames nacionais, se previu o retorno às aulas presenciais nas escolas. De facto, mais recentemente, no dia 18 de maio, aqueles anos de escolaridade retomaram as aulas presenciais, apesar do descontentamento de vários professores e alunos, temendo pela sua segurança. O Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, apoiou a medida e procurou tranquilizar a sociedade, defendendo que *“... para bem se lecionar e para bem se aprender, é essencial que todos se sintam confortáveis. E todos só podem estar confortáveis se todos estiverem seguros. Só assim há confiança.”*¹. A declaração do Ministro deu-se na sequência de uma visita à unidade militar de Benavente onde estava armazenado o material de proteção individual, que posteriormente, foi distribuído pelas escolas portuguesas.

A arquitetura escolar constitui um dispositivo social, cultural e educativo, transformador da sociedade.

Devido à situação de confinamento, consequente da pandemia do Covid-19, constituiu-se um novo paradigma: a escola no espaço da casa. A escola e a casa constituíram desde sempre relações de semelhança e de disparidade, mas com o fecho das escolas em todo o país, o confinamento e a implementação da telescola, ocorre uma comunhão entre as duas, visando os processos educacionais em espaços que não foram pensados para tal, formando-se uma triangulação entre os espaços da casa e os espaços formais e informais da escola.

Esta nova realidade afeta cerca de 2.000.703 alunos² e impuseram-se diversas condicionantes e dificuldades, despertando várias questões sobre o valor da instituição escolar e, consequentemente da arquitetura escolar. Assume-se, assim, esta temática pertinente na discussão contemporânea e especialmente nos tempos que vivemos, sendo este *“... o maior desafio na Europa para os sistemas educativos depois da II Guerra Mundial.”*³.

¹ Declaração pelo Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, na visita à unidade militar de Benavente, no dia 13 de maio, 2020.

² Números referentes aos níveis de ensino incluídos na escolaridade obrigatória, calculado pela UNESCO.

³ Afirmação pelo Ministro da Educação durante o Jornal da Tarde, da RTP, no dia 22 de março.

A Sala de Aula

“... os espaços de aprendizagem devem ser reconfigurados para apoiar mudanças no contexto social da educação e responder a diferentes práticas de ensino e aprendizagem, bem como a um processo de aprendizagem mais descentralizado, que não se restringe mais exclusivamente ao espaço e tempo da sala de aula.”⁴

Até ao início do século XXI, a arquitetura escolar estruturava-se essencialmente a partir de um único espaço, a sala de aula. Contudo, em consequência das mais recentes reformas e dos novos processos educativos, os espaços da escola multiplicaram-se e diversificaram-se, incentivando a hierarquização funcional e espacial. Apesar da estruturação e da transformação da identidade escolar, a sala de aula continuou a representar o espaço privilegiado para a transmissão de conhecimentos, assumindo-se como a estrutura espacial que materializa e promove o currículo formal.

É nesta perspetiva que, a sala de aula se apresenta como o espaço modelar, do espaço da escola. No entanto, e considerando a sua condição estagnada no tempo, a sala afirma-se como um estereótipo espacial, constituindo uma imagem reconhecida universalmente. Esta apresenta-se normalmente, como um espaço retangular orientado unidirecionalmente para um (ou mais) quadros e a secretária do docente. O restante espaço é definido por uma composição ritmada de mesas e respetivas cadeiras (Fig. 1).

No entanto, as transformações da arquitetura escolar vieram modificar, especialmente, as relações e os processos educativos, abolindo a autoridade e o protagonismo exclusivo do discente e estabelecendo novas e díspares relações interpessoais, consequentemente, correlacionadas com os modelos de ensino-aprendizagem.



Fig. 1 Sala de aula da escola secundária Rodrigues Freitas, Porto. © André Santos

⁴ HEITOR, Teresa; PINTO, Rafaela Marques – “Thinking critically towards excellence in school buildings using space syntax as a catalyst for change”. *Eighth International Space Syntax Symposium*. (p. 2).

O Espaço de Socialização

“A escola, agora considerada como uma organização, emerge como uma alternativa possível numa procura de sentido, que busca na construção de um espaço de interação e de cooperação localmente contextualizado, as respostas mais adequadas às situações particulares. Deixando de ser encarada como o conjunto de edifícios ou de salas de aula, a escola assume-se como um lugar concreto de investimentos vários, com uma identidade.”⁵

A escola arroga-se determinante pelo seu compromisso para com a integridade da educação, da estruturação profissional e no benevolente vínculo coletivo dos indivíduos que nela habitam e que a envolvem. É irrefutável o empenho da instituição escolar no aperfeiçoamento das metodologias de ensino-aprendizagem, patente no seu comprometimento, ao longo do tempo, revelando uma posição desassossegada no alcance de um melhor ensino.

A pedagogia caracteriza os processos de ensino-aprendizagem como carentes de espaços diversificados e flexíveis e, inclusive, da necessidade de extravasar os limites da sala de aula que dissimulam o conhecimento interpessoal que se desenvolve para além destes. A consciencialização da comunidade escolar que este desenvolvimento é imprescindível, para que os alunos adquiriram competências necessárias para a sua inserção na sociedade e na realidade onde está inserida, é fundamental na procura de processos pedagógicos mais dinâmicos. Para estes processos é elementar a reorganização do espaço escolar e a consideração das várias necessidades e, simultaneamente, das suas comunidades, ambicionando uma escola adaptada, adequada e virtuosa.



Fig. 2 Espaços dedicados à aprendizagem informal na escola secundária Abade de Baçal, Bragança. © André Santos

Neste sentido, os recentes programas educacionais e arquitetónicos procuraram proporcionar espaços de aprendizagem informais, em complemento com o programa escolar tradicional. Estes novos espaços proporcionam ambientes diferenciados dos da sala de aula, objetivando e

⁵ DIAS, Maria Natália - *Políticas Educativas e dispositivos de territorialização: Da escola aberta à comunidade à escola em parceria.* (p. 42).

alcançando um carácter coletivo e de socialização - englobando toda a comunidade escolar - e acolhendo e estimulando o conhecimento em atividades curriculares e extracurriculares, valorizando a formação do indivíduo. As interações com os diversos membros da comunidade escolar possibilitam experiências de aprendizagem diferentes daquelas produzidas pela relação entre docente e discente. Os espaços de ensino informal como bibliotecas, salas polivalentes, corredores, entre outras, surgem do incentivo de vincular relações e convivências relevantes, na perspectiva de conhecer o outro e aprender com ele, abrindo possibilidades de conhecimento e entendimento variados (Fig. 2).

Os espaços de socialização de uma escola são, essencialmente, ambientes de aprendizagem informal, contudo, tem um papel fundamental na formação dos alunos e na sua integração na sociedade, sensibilizando-os para as questões sociais e ambientais, tal como as mais diversas inquietações da vida em sociedade (Fig. 3).



Fig. 3 Espaço social da escola secundária Rocha Peixoto, Póvoa de Varzim. © André Santos

Esta consciencialização evoca na arquitetura escolar a inevitabilidade de considerar e procurar responder à necessidade de inclusão social, onde mais uma vez, os espaços de socialização da escola assumem o protagonismo, comprometendo-se e responsabilizando-se na caracterização de ambientes direcionados não só para comunidade escolar, mas simultaneamente, para a comunidade extraescolar. Neste sentido, é comprometida a organização do programa do edifício escolar, no momento em que se procura abrir a escola para o contexto, onde se insere, desvinculando-se da “... noção de escola/edifício, entendida como um braço do Estado e que se limita a reproduzir as políticas centralmente definidas, tende a evoluir progressivamente para a noção de escola/ comunidade educativa, noção que evoca a construção de um espaço social ancorado num sistema de interações e na partilha de valores e objectivos comuns.”⁶.

⁶ DIAS, Maria Natália - *Políticas Educativas e dispositivos de territorialização: Da escola aberta à comunidade à escola em parceria.* (p. 42).

O consentimento no acesso universal na escola foi-se manifestando por distintos espaços que a compõem, com por exemplo: as bibliotecas que proporcionam ambientes de qualidade para atividades autodidáticas de todos; as salas polivalentes que viabilizam a exposição do conhecimento individual e coletivo em atividades diversas e os pavilhões desportivos abertos à atividade desportiva da escola e da sua comunidade envolvente.

“A rica variedade de situações pessoais, de origens e de evoluções que constitui o tecido da sociedade deve reencontrar na escola a sua réplica; a aceitação plena da sua diversidade implica a rejeição de qualquer exclusão, nomeadamente a dos elementos que, por qualquer circunstância, se encontram mais limitados nas suas possibilidades numa fruição plena das capacidades humanas.”⁷.

A Escola em Casa

“A casa vai além da estrutura física que combina piso, paredes e teto: ela é a extensão da vida de quem nela habita. Cada indivíduo vivencia histórias no interior do espaço construído, o que torna a arquitetura um lugar repleto de significado.”⁸

A casa é um dos diversos espaços de hábitos da vivência humana, visto que este vive da construção de hábitos, quer de cariz básico, coletivo ou social, resumindo-se em rotinas desempenhadas em determinados locais. Inequivocamente, o quotidiano sucede-se, maioritariamente, em espaços da casa, sendo que é nesta que se desenvolvem as práticas mais essenciais, assumindo-se como um refúgio e abrigo.

Efetivamente, a casa é a nossa primeira escola, sendo nesta que adquirimos as primeiras aptidões morais, sociais e educacionais, incutidas pelos primeiros mentores da vida, construindo a primeira base estrutural. No entanto, será fora do espaço da casa que se adquire as competências necessárias e exigidas para a integração na sociedade e na construção do futuro. Nesse sentido, a instituição escolar assume-se indispensável e comprometida com o desenvolvimento das crianças e jovens, devido à sua identidade social, cultural e educativa.

Inesperadamente, o espaço onde abrigamos as nossas rotinas privadas, sofre uma profunda rutura, devido ao cenário de confinamento, decorrente da pandemia do Covid-19, sendo apropriada por uma nova complexidade de atividades inéditas e inesperadas. Deste modo, a escola introduziu-se num ambiente íntimo e, onde, conseqüentemente, as dinâmicas do dia-a-dia se viram perturbadas.

Os métodos tecnológicos têm vindo a ser implementados nos espaços da escola, assumindo que a *“... tecnologia digital nos permite encontrar respostas totalmente novas para o que as pessoas aprendem, como as pessoas aprendem, onde as pessoas aprendem e quando aprendem. A tecnologia pode permitir que professores e alunos acedam a materiais especializados muito além dos livros didáticos, em vários formatos e de maneiras que podem unir tempo e espaço.”⁹*. Apesar desta condição de inevitabilidade, tem-se procurado instruir, essencialmente os mais novos, para uma utilização moderada do mundo tecnológico e digital (provavelmente sem grande sucesso). Contudo, em consequência da anulação das aulas presenciais e da implementação do ensino à distância, a educação desloca-se dos diversos espaços escolares para os ecrãs, obrigando ao aumento exponencial do uso das tecnologias no dia-a-dia das crianças e jovens a frequentar o ensino obrigatório e outros níveis superiores.

⁷ PARQUE ESCOLAR, E.P.E. – *Manual de projecto para a acessibilidade nas escolas*. (p. 7).

⁸ BARROS, Alice; COUTO, Maria - *Hábitos no habitar: um estudo sobre os hábitos de morar em diferentes perfis habitacionais*. (p. 98).

⁹ OECD - *Learning remotely when schools close: How well are students and schools prepared? Insights from PISA*. (p. 1).

A aprendizagem descentraliza-se do espaço da sala de aula tradicional e renasce na casa, no espaço doméstico e privado, desvinculando-se dos instrumentos tradicionais e apropriando-se, essencialmente, dos digitais. Atualmente, a tecnologia e as suas ferramentas passam a condicionar e assumir um papel indispensável nos métodos pedagógicos, evidenciando a carência destes meios em inúmeros aglomerados familiares e, permitindo acentuar visivelmente as desigualdades sociais. Na verdade, em nenhum momento, foi tão imprescindível o recurso às (novas) tecnologias, para que se proporcionasse, o mais possível, uma aproximação ao anterior sentido de normalidade. Para o funcionamento da aprendizagem *on-line*, “... um local tranquilo para estudar é um bom começo, mas um pré-requisito óbvio (...) é o acesso a um computador que os alunos podem usar para realizar seu trabalho em casa.”¹⁰, exigências que para muitos alunos poderão ser inalcançáveis. Para além dos requisitos necessários impostos aos alunos também os professores se deparam com a necessidade de se adaptarem a um ensino que nunca praticaram, e através de meios pouco explorados. Importará ainda salientar que, para além das condições tecnológicas, os espaços de habitar foram solicitados a níveis de afetação e de simultaneidade que, em alguns casos, não se vislumbraram as condições necessárias ao desempenho individualizado e concentrado exigível a cada elemento dos agregados familiares.



Fig. 4 Inclusão social na escola secundária Inês de Castro, Vila Nova de Gaia. © Francisca Mendonça

A instituição escolar, promove e proporciona de forma permanente oportunidades a todos, acolhendo “... todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas (...) as crianças deficientes ou sobredotadas, as crianças de rua, e as que trabalham, as de populações nómadas ou remotas; as de minorias étnicas e linguísticas e as que pertencem a áreas ou grupos desfavorecidos ou marginalizados.”¹¹. Para muitos o espaço escolar representa um referencial de segurança, onde garantem acesso a

¹⁰ OECD - *Learning remotely when schools close: How well are students and schools prepared? Insights from PISA*. (p. 2).

¹¹ UNESCO - *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*. (p. 6).

várias das necessidades essenciais que, em ambiente familiar, por vezes, são difíceis de assegurar (Fig. 4).

De facto, agora, mais do que nunca, compreende-se a importância do complexo escolar, pela sua prática de comunhão transcendendo-se do currículo formal na sala de aula, visto que, esta funciona no anti espaço, através de ecrãs e câmaras, enquanto que os âmbitos informais, já referidos, não são possíveis de reprodução e atuação nestes meios. Contudo, parece que maioritariamente, cada um procura reproduzir o ambiente da sala de aula, para o tempo que dedica ao trabalho escolar, seja na sala de estar, no quarto ou numa despensa. Sendo que independentemente das suas condições, estes procuram respeitar o momento de leccionamento, ao proporcionar um ambiente sossegado que substitua o da sala de aula, sentando-se, agora, em frente ao conjunto de alunos (poder-se-á manter o entendimento de turma?), que se expressam através de um ecrã.

O ensino à distância, em muitos casos, veio a envolver não só o aluno, como também a sua família nos processos pedagógicos. O processo educativo passa a ser monitorizado pelos encarregados de educação e, em vários casos, são convocados os restantes elementos do agregado familiar, para acompanhamento dos menos independentes, sob pena de ver comprometido o processo de aprendizagem. Neste momento, as normas de casa são transformadas e intensificadas, bem como, ampliadas para todo o agregado familiar. Agora, a casa torna-se o local de trabalho dos pais, de ensino-aprendizagem dos mais novos e o espaço de lazer de todos - o espaço adapta-se às novas necessidades, dando resposta às diversas dinâmicas (Fig. 5).



Fig. 5 A escola e o trabalho nos espaços da casa. © Charles Deluvio

O estudo em casa obriga e intensifica à organização, independência e motivação para estudar. Sem a entidade escolar para provocar e incentivar ao estudo, será a família a assumir esse papel. Contudo, é necessário a consciencialização de que nem todas as famílias possuem o tempo, capacidade e instrução para assumirem o papel de educador. Quando em situações *normais*, pretendia-se aproximar as famílias à escola, atualmente devido à pandemia, coloca-se a escola no espaço familiar, obrigando a relação entre as duas. Deste modo, a criança fica

restringida à cultura familiar, diluindo a universalidade e multiculturalidade promovida no ambiente escolar, sendo “... uma situação difícil para as crianças e adolescentes, mas também para os pais e cuidadores, que estão em casa, ainda a tentar organizar a nova rotina familiar e, frequentemente, eles próprios em teletrabalho, e que se vêem confrontados com a necessidade de apoiar as crianças e adolescentes no estudo, garantindo que continuam a aprender.”¹².

Decorrente do confinamento no espaço doméstico, a condição de ensino à distância conduziu à sua despersonalização e à maior dificuldade em atender positivamente às necessidades individuais, matéria que, o espaço escolar e o seu ambiente procuraram esclarecer, promover e conquistar, com as mais recentes reformas educacionais e transformações espaciais do início do século XXI.

Considerações finais

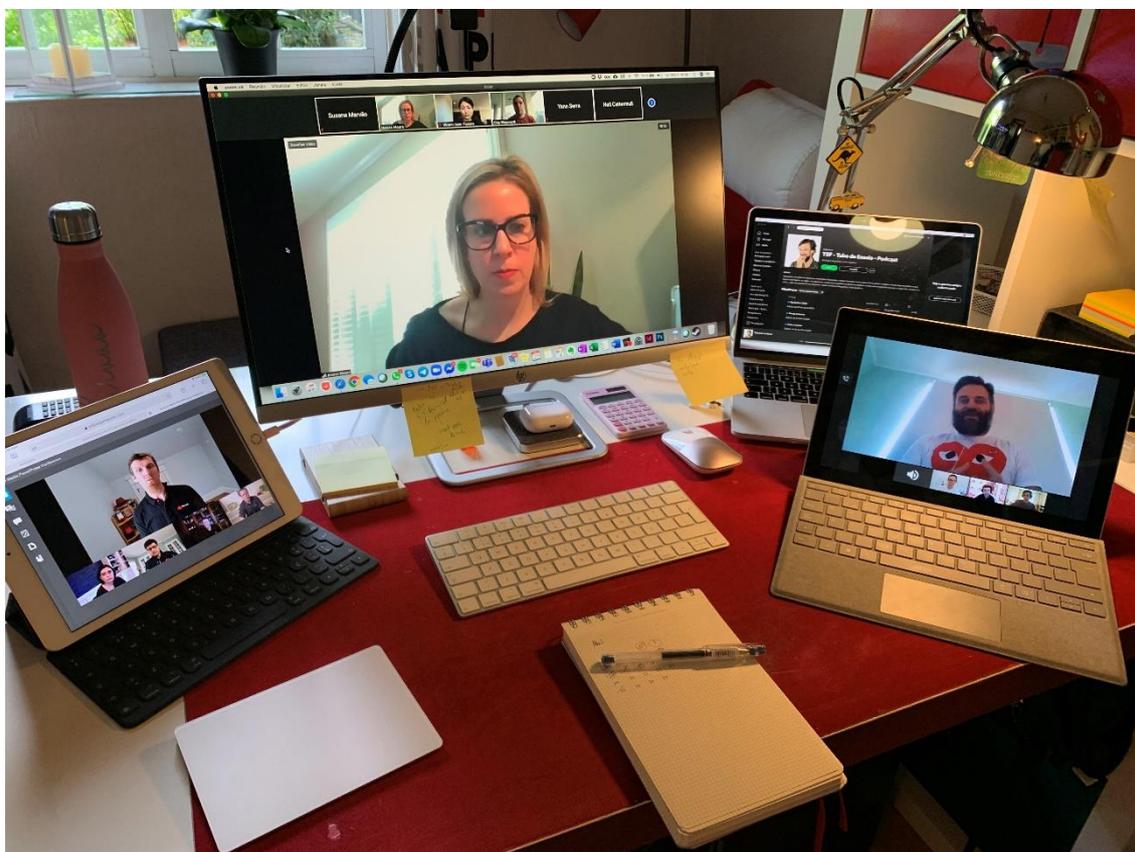


Fig. 6 Realidade do teletrabalho. © Susana Marvão

Atualmente apesar da gradual abertura das escolas secundárias, o paradigma da educação assombra os pensamentos dos alunos e dos docentes, visto que, presumivelmente esta não será uma situação pontual, mas algo que se prolongará e influenciará o próximo ano letivo.

A prática da educação em espaços desvinculados da escola, suscita várias questões, enfatizando a incerteza da qualidade do ensino à distância ser capaz de substituir o ensino presencial e todas as possibilidades espaciais e educativas que o edifício escolar promove.

¹² ORDEM DOS PSICÓLOGOS – COVID-19- Estudar em tempo de pandemia, guia para pais e cuidadores. (p. 3).

Torna-se assim uma situação ambígua, apesar das ações tomadas para a permanência de um estado de normalidade e a continuação da pedagogia apresentarem-se positivas, essas medidas anulam todos os esforços de inclusão e adaptabilidade do espaço escolar às diversas e díspares necessidades individuais, desvinculando-se de um ambiente inclusivo. Deste modo, emerge um novo paradigma para os *novos espaços escolares* e principalmente para a eficácia da educação (Fig. 6).

A situação atual realça a importância da escola, como imprescindível para a instrução do cidadão completo e integrante da sociedade, principalmente para aqueles que pelo contexto familiar e/ou social não possuem as mesmas condições e recursos. A Ministra da Educação e Formação Profissional espanhola, Isabel Celaá, numa entrevista recente, afirmava que “... a educação presencial é insubstituível.”¹³, enfatizando que num “... contexto de economias digitalizadas, nos sentimos tremendamente poderosos como sociedade, e esta pandemia revelou que não éramos tão poderosos, revelando várias necessidades, principalmente nos campos da saúde e da educação.”¹⁴.

Apesar das iniciativas de promoção dos diversos recursos que procuram dar continuidade aos processos pedagógicos, sem prejudicar o futuro dos discentes e da educação portuguesa, parece-nos que a situação atual enfatiza a necessidade e a pertinência da arquitetura escolar, como entidade condicionadora da aprendizagem, socialização e desenvolvimento humano, promovendo pedagogia eficaz e inclusiva.

Bibliografia

BARROS, Alice; COUTO, Maria – “Hábitos no habitar: um estudo sobre os hábitos de morar em diferentes perfis habitacionais”. *Revista Oculum Ensaios*. Campinas: PUC-Campinas, 2013. ISSN: 1519-7727.

Comunicado do Conselho de Ministros de 9 de abril de 2020. [Consult. 23-05-2020]. Disponível em <<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=340>>.

Declaração do Ministro da Educação Tiago Brandão Rodrigues na visita à unidade militar de Benavente, no dia 13 de maio, 2020. [Consult. 23-05-2020]. Disponível em <<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=escolas-tem-os-equipamentos-de-protecao-para-recomecar-as-aulas-presenciais>>.

DGE – *Para uma Educação inclusiva: Manual de apoio à prática*. Lisboa: DGE, 2018. ISBN: 978-972-742-418-4

DIAS, Maria Natália - *Políticas Educativas e dispositivos de territorialização: Da escola aberta à comunidade à escola em parceria*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2003. Tese de Mestrado.

¹³ **LÓPEZ, José** – “A educação presencial é insubstituível. Que retumbante”. *Retina Magazine*.

¹⁴ **LÓPEZ, José** – “A educação presencial é insubstituível. Que retumbante”. *Retina Magazine*.

HEITOR, Teresa; PINTO, Rafaela Marques – “Thinking critically towards excellence in school buildings using space syntax as a catalyst for change”. *Eighth International Space Syntax Symposium* [Em linha]. Santiago de Chile: Editado por M. Greene, J. Reyes and A. Castro, 2012. Paper refª. 8018. [Consult. 22-05-2020]. Disponível em <http://www.sss8.cl/media/upload/paginas/seccion/8018__1.pdf>

LÓPEZ, José – “A educação presencial é insubstituível. Que retumbante”. *Retina Magazine*. Madrid: Ediciones EL PAÍS, s.l., 2020.

MONTOAN, Maria - *INCLUSÃO ESCOLAR O que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.

OECD - *Learning remotely when schools close: How well are students and schools prepared? Insights from PISA*. Paris: OCDE, 2020.

OECD – *Supporting the continuation of teaching and learning during the COVID-19 Pandemic – Annotated resources for online learning*. Paris: OCDE, 2020.

ORDEM DOS PSICÓLOGOS – *COVID-19- Estudar em tempo de pandemia, guia para pais e cuidadores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2020.

PARQUE ESCOLAR, E.P.E. – *Manual de projecto para a acessibilidade nas escolas* [Em linha]. Lisboa: Parque Escolar, E.P.E., 06-2008. [Consult. 23-05-2020]. Disponível em <[URL: http://www.parque-escolar.pt/pt/programa/manualprojeto-de-acessibilidades.aspx](http://www.parque-escolar.pt/pt/programa/manualprojeto-de-acessibilidades.aspx)>.

RODRIGUES, David – “A covid e a desigualdade em Educação”. *Jornal Público*. Maia: PÚBLICO Comunicação Social SA, 2020.

UNESCO – “COVID-19 Impacto na educação”. *UNESCO* [Em linha]. [Consult. em 26-05-2020]. Disponível em <[URL: https://en.unesco.org/covid19/educationresponse](https://en.unesco.org/covid19/educationresponse)>.

UNESCO - *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca: UNESCO, 1994.